



CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2006



**ACTAS DO II CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO DOURO
E BEIRA INTERIOR**

PUBLICAÇÃO A CARGO DOS SERVIÇOS
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

Este número de CÔAVISÃO publica exclusivamente as Actas
do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior,
organizado entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Vila Nova de Foz Côa

Trabalho coordenado por:
António do Nascimento Sá Coixão

Foto da capa:
Pormenor de Arquitectura rural na freguesia de Sto. Amaro

Composição e impressão:
Tipografia Lobão, Lda.
Rua Quinta do Gato Bravo, 5
2810-069 Almada
Tel. 21 255 98 90 – Fax 21 255 98 99
geral@tipografialobao.pt www.tipografialobao.pt

Depósito Legal:
242718/06

ISBN 972-8763-16-6

EDIÇÃO:

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

2006

Índice

Prefácio	5
<i>Emílio António Pessoa Mesquita, Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa</i>	
Introdução	7
<i>António do Nascimento Sá Coixão</i>	
Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças	9
<i>J.A. Gonçalves Guimarães e Eva Baptista</i>	
O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa	17
<i>J. A. Gonçalves Guimarães</i>	
Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Colecção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)	25
<i>J. A. Gonçalves Guimarães, Eva Baptista e Fátima Teixeira</i>	
Agricultura y antropización del paisaje en Portugal desde una perspectiva palinológica.....	41
<i>José Antonio López Sáez, Domingos J. Cruz</i>	
Métodos de Mapeamento das Dinâmicas Erosivas em Acção nos Painéis de Arte Rupestre do Vale do Côa	50
<i>António Pedro Batarda Fernandes, Maria T. Rico e Jennifer K. K. Huang</i>	
A Ponte internacional de Barca d'Alva - La Fregeneda no contexto da construção da Linha do Douro até Salamanca	60
<i>Emilio Rivas Calvo e Carlos d'Abreu</i>	
A Ponte ferro-rodoviária do Pocinho – um monumento da Arqueologia Industrial que urge preservar	90
<i>Carlos d'Abreu e Emilio Rivas Calvo</i>	
Escavar na Língua.....	112
<i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	
O Sítio Arqueológico do Rumansil I	118
<i>António N. Sá Coixão e Tony Silvino</i>	
A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica.....	138
<i>André Tomás Santos, António Cheney e Augusto Jorge Azeiteira</i>	
Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca....	156
<i>António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia</i>	
Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)	185
<i>Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e António Sá Coixão</i>	
Achegas para o estudo do povoamento calcolítico da Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)	205
<i>Elisabete Robalo e Marcos Osório</i>	

O Sítio Arqueológico do Rumansil I

(Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Portugal)*

Por: António N. Sá Coixão^{***}
e Tony Silvino^{***}

A – INTRODUÇÃO

1 – LOCALIZAÇÃO

O sítio arqueológico do Rumansil I localiza-se no termo da freguesia de Murça do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa.

O local é de meia encosta, ficando a estação encravada num pequeno “plateau” muito abrigado, voltado a nascente (vale da ribeira de Murça). Abundam os afloramentos graníticos.

Situa-se junto a uma antiga via do período romano, provavelmente construída no Baixo Império, que apresentava até há bem pouco tempo alguns troços de calçada. No entanto, trabalhos com máquina Caterpillar no arranjo do caminho, destruíram ou arrasaram esses vestígios, apenas se tendo salvo um pequeno troço junto ao cruzamento do caminho do Rumansil com a estrada municipal de Seixas do Douro.

Numa zona a nascente da estação, num esporão voltado igualmente a Este, localiza-se o sítio arqueológico do RUMANSIL II, que julgamos tratar-se da “pars urbana” da provável villa. Estava prevista uma intervenção neste sítio no ano de 2003. No entanto, nos finais do ano de 2002, deparámos com o sítio arrasado por máquinas Caterpillar, numa arroteia que se destinou ao plantio de vinha! Mais um testemunho valioso que se perdeu, perante a impotência de quem, há mais de 25 anos, luta por salvaguardar o vasto e rico património arqueológico desta região.

Coordenadas geográficas

(Carta Militar de Portugal Continental, escala 1:25.000; folha nº. 140)

Latitude Norte – 41° 05' 26"

Longitude Oeste – 7° 14' 40 "

Altitude (cota aproximada) – 580 metros

2 – ACESSOS

O sítio encontra-se praticamente escavado, musealizado e visitável e integra-se no denominado “CIRCUITO ARQUEOLÓGICO DE FREIXO DE NUMÃO”.

Os acessos fazem-se a partir da vila de Freixo de Numão pelo caminho do PRAZO, pela freguesia da Touça ou pela freguesia de Seixas do Douro. Existe sinalética em todas as entradas citadas, encontrando-se o piso dos caminhos regularizado em calçada à antiga portuguesa. Não há acesso para autocarros e recomenda-se cuidado aos veículos automóveis pois em alguns locais a via é bastante estreita. Aconselha-se o estacionamento dos veículos no largo onde existe a sinalética (a cerca de 300 metros do sítio arqueológico).

3 – HISTORIAL DAS ESCAVAÇÕES

No ano de 1982 foi o arqueólogo A. N. Sá Coixão contactado pelo então Pároco das freguesias de Mós, Murça, Seixas e Freixo de Numão, Senhor Padre Celestino Fidalgo, que o informou de uma conversa que havia tido com o Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Murça do Douro, Senhor Eliseu Azevedo,

* Agradecemos a colaboração, para a realização desta artigo, a : Aurélie Hamel e Laudine Robin pela elaboração de alguns documentos gráficos; Jean Pierre Brun pelos seus conselhos e esclarecimentos acerca da produção vitícola no período romano.

.. Arqueólogo. Mestre em Arqueologia pela FLUP

*** Arqueólogo. VMR 5138 Arqueologia e Arqueometria. Estudante de Doutoramento, Univ. Lumière, Lyon 2 (França)

na qual lhe falou da existência, no sítio do RUMANSIL, da “Murça Antiga”, onde ainda se via um “lagar de vinho cavado na rocha”.

Foi programada uma visita ao local, ainda no ano de 1982, tendo o grupo sido constituído pelo Arqueólogo, pelo Pároco e pelo Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Murça do Douro.

Num “plateau” de meia encosta, apresentando vestígios de ter sido um “sítio murado”, eram perceptíveis o referido “lagar de vinho cavado na rocha” (já muito desgastado) e alguns muros de 2 casas bastante bem conservados, com cerca de 1,5 metros de altura! O sítio encontrava-se coberto de mato espesso e silvedos abundantes. Pela área e pelos vestígios recolhidos à superfície, depreendeu-se tratar-se de uma provável villa Romana.

Nos anos de 1984, 1985 e 1986 decorreram acções de desmatção, limpezas e sondagens arqueológicas.

Nos anos de 1992, 1993, 1994 e 1995 decorreram naquele sítio arqueológico prolongadas intervenções, que culminaram com a quase total descoberta das estruturas da provável “pars fructuária” de uma villa Romana do Baixo Império. Eram, na altura, já visíveis: um lagar de vinho cavado na rocha; área de armazenamento de vinho; 4 tanques (dois deles com vestígios de terem sido forrados a “opus signinum”); forno de fundição de chumbo e área de forja; 2 fornos de cozer cerâmica; oficina de canteiro; oficina de oleiro; estruturas de finalidade indefinida.

No ano de 2002, com o objectivo de determinar outras estruturas e definir o muro que limita o espaço da provável villa (ou complexo artesanal), foi realizada uma campanha de escavações que atingiu os objectivos traçados.

No ano de 2004, com o objectivo de continuar a definir o muro que circunda o sítio arqueológico, foi realizada uma campanha de escavações arqueológicas. Realça-se a exumação de milhares de objectos (essencialmente fragmentos cerâmicos) concentrados na parte interior do muro, tendo este servido de retenção aos escorrimentos ocorridos durante décadas ou séculos.

Com as estruturas praticamente todas postas a descoberto, com a arquitectura do sítio já definida, faltará apenas registar a totalidade do muro envolvente que circundaria a estação arqueológica.

4 – OCUPAÇÃO HUMANA DO SÍTIO

De ocupações Pré ou Proto-Histórica não são visíveis restos ou estruturas. Apenas constituem enigma restos de uma inscrição que se julga pré-céltica e alguns (poucos) materiais líticos em quartzo ou seixo quartzítico.

O sítio terá sido ocupado, com construções, durante o século III d. C. O abandono, através de prováveis saque e incêndio, terá ocorrido ainda durante o último quartel do mesmo século. Que relação com a actividade destruidora dos bandos de assaltantes, em plena fase conturbada do Império, denominados “Bagundae”?

Durante as escavações arqueológicas, em zonas bastante restritas, foram exumadas cerâmicas medievais bem como uma moeda dos séculos XIII/XIV. De registar, no entanto, que as quantidades da citada cerâmica não passam de residuais. Na zona onde foi registada a moeda medieval foram recolhidos carvões de uma lareira que após análise no ITN pelo processo de radiocarbono, nos aponta uma datação entre finais do século X, princípios do século XI d. C. (amostra 02/C/92). Uma outra amostra de carvões exumada na zona exterior do edifício 1 (amostra 01/C/92), forneceu-nos uma datação que aponta para finais do século XIII, princípios do século XIV d. C.

Estas duas datações, bem como a presença de algumas (poucas) cerâmicas medievais (apenas registadas nas áreas exteriores dos edifícios romanos), não implicarão obrigatoriamente a ocupação permanente do lugar nos séculos XI a XIII d. C. Estaremos, isso sim, perante a presença de ocupações temporárias (senão mesmo esporádicas) por parte de pastores ou caçadores. Documentos do século XIX, existentes no Arquivo Histórico Municipal de Vila Nova de Foz Côa, dão-nos conta da actividade do Administrador do Concelho. Mais que uma vez, teve de mandar prender assaltantes conhecidos que actuavam no Rumansil, junto ao caminho que ia

para Murça do Douro. Tratar-se-ia de um lugar estratégico, junto a uma via muito frequentada (da antiguidade à era contemporânea).

5 – FAUNA E FLORA

O estudo de 2 amostras de restos vegetais carbonizados, realizado pela Dr^a. Isabel Figueiral do Centro de Bio-Archéologie et d'Écologie de Montpellier, revelou a presença do carvalho, pinheiro-bravo, medronheiro, freixo e azinheira/sobreiro, além de 23 grainhas de uva.

O estudo da fauna de vertebrados, levado a efeito pela Dr^a. Cláudia Costa, regista a presença de gado bovino e ovino-caprino, do porco, de um exemplar de coelho e o enterramento de um cão de idade adulta.

B – AS ESTRUTURAS

1 – EDIFÍCIO 1

Este edifício de planta rectangular (9,80 x 10,60 m) localiza-se a oeste da estação e é constituído, tal como o conjunto dos vestígios, por muros edificados com blocos de granito (de aparelho pouco aperfeiçoado). A única entrada situa-se a norte. No exterior registaram-se buracos de poste (alguns cavados na rocha granítica) que fariam parte de uma zona coberta (telheiro) que poderá ter sido (ou não) um corta-vento a proteger a entrada citada. Este edifício é composto por diversas divisões e estruturas de combustão, cuja análise comprova a existência de actividade metalúrgica.

Estamos em crer que numa 1^a fase o edifício 1 seria mais pequeno, tendo (a posteriori) sido acrescentada a ala Este. Também se coloca a hipótese de essa ala já existir como área alpendrada, mas sem o muro virado a nascente, onde existiria um pequeno forno de cozer cerâmica.

1.1 – UM PEQUENO FORNO

A estrutura que na planta geral se identifica com G, é de planta circular e tem cerca de 1 metro de diâmetro. Numa 1^a fase da escavação, esta estrutura não era visível. Nessa área pôs-se a descoberto uma lareira de cozinha da segunda metade do século III d. C. O piso desse compartimento era formado por saibro compactado.

Posteriormente, numa 2^a fase de intervenção, foi removido o saibro com o objectivo de atingir a rocha de base. Foi nesta operação que se descobriram restos muito danificados da estrutura circular. Nessa camada de saibro foram recolhidos igualmente alguns pesos de tear em barro.

Estaremos perante uma estrutura de cozedura de cerâmica, dos primórdios da ocupação do lugar. Serviria para cozer cerâmicas de pequenas dimensões e certamente também pesos de tear em barro (tal como vem a acontecer, mais tarde, no forno referenciado por O).

Em toda a ala onde se implantava o forno (estrutura G) estaria implantada a primitiva olaria do RUMANSIL.

1.2 – A FORJA

A Oeste do edifício (na zona interior) encontra-se um espaço destinado ao trabalho do metal. No compartimento C foi registado um grande depósito de cinzas. No exterior do espaço D (para Sul) continuou a registar-se grande quantidade de cinzas e alguns fragmentos de escória de chumbo.

A planta e os vestígios de combustão indiciam a presença, no local, de uma forja. As actividades de forja, que qualificamos como operação de pós-redução, congregam o conjunto de trabalhos metalúrgicos que conduzem o metal bruto proveniente da redução ao objecto manufacturado. Destas resultam a produção de objectos sejam eles simples ou complexos, pequenos ou grandes, através de uma série de manipulações em que o ferro é inúmeras vezes reaquecido e martelado.

A fornalha da forja que recebe o combustível localizar-se-ia no espaço circunscrito D. O alcaraviz e o fole estariam provavelmente localizados no espaço a sul do compartimento D. A bigorna e a bacia ou pia de água estariam por perto.

A presença de escória de chumbo junto ao espaço D, apontará para a hipótese de a última utilização da forja ter sido para a redução de minério de chumbo. Este metal era frequentemente utilizado na Antiguidade, não somente para o fabrico de objectos, mas também para a realização da aliagem, nomeadamente com estanho. No sítio do RUMANSIL I são escassos os objectos e restos de chumbo, talvez atendendo ao facto de este metal ser muito apreciado e regularmente reciclado. No entanto há que referir a exumação, no compartimento S (edifício 2) de um peso cónico em chumbo, com cerca de 6 cm de altura e pequenos lingotes, provavelmente detritos de fabrico¹.

Por sua vez, a forja era um espaço organizado, que necessitava forçosamente de compartimentos anexos destinados ao armazenamento de combustível, às bancadas, diversos suportes de cunhagem, locais de armazenamento de matérias-primas etc. Os compartimentos A e B poderiam destinar-se a esses fins.

Se a existência de uma forja está confirmada, quais os objectos produzidos neste estabelecimento artesanal? O depósito de variados materiais descoberto durante a campanha do ano de 2004 poder-nos-á ajudar na resposta. A Este do edifício 2, no interior do muro que exteriormente envolve o sítio, foi registada uma camada de enchimento composta por diversos materiais: fragmentos cerâmicos e distintos objectos em metal. Estes últimos constavam de imensos pregos pequenos (vulgarmente chamados na região de “brochos”), pregos médios e grandes, restos de objectos em bronze. Também foram registadas pedras de afiar, que se destinariam a manter operacionais as numerosas e diversas ferramentas da forja, designadamente aquelas que se destinariam aos trabalhos agrícolas: foicinhas e facas.

A existência de forjas e de fornos de fundição de ferro foi já registada em vários sítios arqueológicos com ocupação romana, no termo da vila de Freixo de Numão².

Quanto à origem dos minérios de ferro e de chumbo, diremos que as antigas minas da região são ainda mal conhecidas. Num estudo das escórias provenientes de sítios romanos da área de Freixo de Numão, Maria de Lourdes Castro Reis e Maria Eugénia Moreira, do Instituto Geológico e Mineiro, concluem: “não sendo conhecido em Freixo de Numão minério de ferro que justifique a existência de fornos ou forjas, julgamos que o minério seria proveniente da vizinha região de Moncorvo, onde é de realçar a existência de possantes bancadas de ferro sedimentar (...)”³.

Quanto ao chumbo, sabe-se hoje que no período de ocupação romana houve exploração desse mineral na zona de Longroiva (Meda) mais concretamente no vale – zona dos Areais, lugar que distará entre 12 a 15 quilómetros de Freixo de Numão. No entanto, considerando que o chumbo andaria associado a camadas quartzíticas, não é de rejeitar a hipótese de o mesmo ter sido proveniente de uma zona próxima do Rumansil (porque não o monte quartzítico de Santa Eufémia, junto ao sítio romano do PRAZO).

O próprio minério de ferro poderá ter origem no termo de Freixo de Numão. Numa zona que se denomina de Cantos / Vale Ferreiro, a existência de muros de socacos construídos por pequenas pedras de aparência ferruginosa, poderá indiciar a exploração do minério do ferro naquele local. Futuros estudos desses componentes, em Laboratório, poderão, ou não, confirmar esta hipótese.

Qual o combustível utilizado, nestes fornos de fundição e forjas, já que na região não existe carvão mineral? Sete grandes fragmentos de restos vegetais carbonizados, recolhidos junto a um forno de fundição de ferro no sítio do PRAZO, foram todos identificados como “Urze branca”⁴.

¹ COIXÃO, A. Sá; MOREIRA, M.E (2000) “Fornos de fundição e forjas de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) no período de ocupação romana”, revista Côavisão nº. 2, p. 47-51.

² COIXÃO, A. Sá; MOREIRA, M.E, Ibid, p. 51.

³ COIXÃO, A. Sá; MOREIRA, M. E. (2000) - “Fornos de fundição e forjas de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) no período de ocupação Romana”, revista Côavisão, nº. 2 pag. 47 – 51.

⁴ FIGUEIRAL, Isabel (2005) – “Restos vegetais carbonizados no PRAZO e RUMANSIL (Freixo de Numão). Relatório provisório.

2 – EDIFÍCIO 2

A Este do edifício 1 localiza-se um outro com vários compartimentos. Entre eles (edifícios 1 e 2) situa-se um terraço artificial regularizado com entulho de argila, fechado a norte com grandes blocos de granito. Este terraço seria apendrado e coberto com telhado.

2.1 – INSTALAÇÕES VITÍCOLAS

A divisão ou compartimento S (vid. Figura 1), de forma rectangular, é composto por uma grande área ampla e 3 tanques (T1, T3 e T4). O Tanque 1 (2,52 x 1,80 m) foi cavado na rocha granítica, numa cota superior aos Tanques 3 e 4. O Tanque 1 tem ligação com o Tanque 3 através de uma goteira em granito. Ambas as estruturas eram revestidas por uma argamassa hidráulica de tipo “opus signinum”. O Tanque 4 não apresenta qualquer vestígio de revestimento.

A Sul do espaço S temos o espaço R que incorpora um grande afloramento granítico onde foi cavado o lagar e, num plano interior, uma área de armazenagem de dólia, bem como o “pio de recepção do vinho mosto”. A ligação entre o lagar e o pio de recepção fazia-se por uma ranhura (pequeno canal) cavado na rocha. O citado “pio” é formado por lajes de granito dispostas na vertical e apresentavam sinais de aplicação de “opus signinum” nas juntas de ligação. No seu interior, é visível uma fossa cavada na rocha, que teria a finalidade de aproveitar e aí recolher o vinho mosto que corresse para fora dos dólia de armazenagem quando da operação de enchimento.⁵(6)

Encontramos ainda 3 cavidades cavadas na rocha, na disposição vertical, que teriam a função de armazenagem (encosto) de dólia (referenciadas por Q na figura 1).

Um último Tanque (T2) localiza-se no exterior do edifício. Uma vala (referenciada por U) em forma de caleira talhada na rocha, atravessa o exterior do edifício em direcção ao Norte.

A concentração de Tanques, por vezes em conexão, bem como a presença de armazenagem do tipo dólia, comprova a existência de uma instalação associada à produção de vinho. O processo de fabrico decorre em duas fases. O espaço L (Lagar) é reservado à laboração, o esmagamento. Os cachos de uva chegavam e eram descarregados numa larga abertura que foi afeiçoada na rocha granítica, a oeste do lagar. A insuficiente altura desta estrutura seria compensada por um caixilho de pranchas destinadas a receber as vasilhas onde eram transportados os cachos de uvas.

De seguida, dois operários ou escravos procediam à “pisa”. O líquido (vinho mosto) escorria para o “pio” (espaço P) onde um vaso de armazenagem do tipo dolium recebia tão precioso néctar.

O espaço R seria reservado à armazenagem dos dólia onde era curado o vinho mosto. Nesse espaço foi registada uma lareira e alguns materiais metálicos a ela associados. Grainhas de uva carbonizadas foram recolhidas após peneiração e flutuação. Aproveitamento do bagaço de uva como combustível ou um processo já conhecido de destilação e fabrico de aguardente?

Nesse mesmo espaço foi recolhida uma “provadeira” em bronze. Este tipo de objectos anda associado aos pipos e tonéis em madeira onde ainda hoje se armazenam os vinhos de qualidade. Seria já, no século III d. C., no Rumansil I, utilizada a pipa como armazenamento de vinho? Talvez nunca o saibamos.

A segunda etapa da laboração do vinho desenvolvia-se no Tanque 1, com a prensagem do bagaço. O vinho mosto escorria para o Tanque 3 e igualmente para os dólia. Não foi possível identificar o modelo de prensa aqui utilizado (balancim ou guincho), sendo no entanto possível esboçar algumas respostas. No Alto Império, tanto no caso do azeite como no do vinho, utilizavam-se prensas de alavanca e cabos. Este modelo utilizava um tronco de árvore comprido que se accionava com cabos de couro e que se manobrava com auxílio de um guincho fixado num enorme bloco de pedra paralelepípedo. O modelo usado no Rumansil I não utiliza o sistema de parafuso ou de guincho, devido à inexistência de vestígios ligados ao mesmo. O tipo de prensa aqui utilizado seria um modelo de alavanca em que um ou dois blocos se ligavam a uma das extremidades do tronco, para se transformar em contrapeso. A alavanca posicionava-se a norte do Tanque 3 (dentro do espaço

⁵ Também se podia utilizar uma corda enrolada em círculo para manter o bagaço, ou mesmo prensado directamente em monte.

S). A outra extremidade do tronco estaria ancorada num nicho mural situado entre L e T1. por baixo do tronco da árvore, ao nível do Tanque 1 (T1), colocava-se uma caixa em madeira onde se empilhava o bagaço⁶ que se submetia a várias prensagens. Recolhia-se, como já atrás se disse, o mosto no Tanque 3, assegurando a argamassa em “opus signinum” a impermeabilidade. O espaço S serviria também para a armazenagem de vinhos? Essa seria uma das suas funções mas também poderá colocar-se a hipótese de cavalaria.

A fermentação do vinho mosto ocorreria, pois, nos dólia. Distintos exemplares fragmentados foram encontrados “in situ”, ainda com as suas tampas em xisto perfuradas ao centro destinando-se o orifício à passagem do utensílio de suspensão.

A função exacta dos Tanques 2 e 4 (T2 e T4) é ainda difícil de determinar. Se o T4 poderá estar associado à produção vinícola, o T2 poderia ser destinado a bebedouro para animais. A presença do sulco indica que este tanque se destinava a receber líquidos, provavelmente a água.

A produção vitícola é corroborada pela constatação de dois elementos quando das intervenções arqueológicas no local: a presença de grainhas de uva carbonizadas na Adega (Compartimento R); a existência de vestígios de pez em vários fragmentos de dólia. Este produto resinoso resolvia o problema da porosidade destes grandes jarros em terracota, revestindo com o mesmo o seu interior. Por outro lado, o pez, obtido pela destilação de ramos e agulhas de resinosas (como o pinheiro), eliminava grande parte das bactérias responsáveis pela transformação do vinho em vinagre. O pez era exclusivamente reservado ao armazenamento do vinho, já que aquele produto e o azeite são incompatíveis. No ano de 2001, no sítio do PRAZO, foi exumado um bloco de pez e registada uma estrutura de combustão onde o mesmo era laborado⁷.

O sítio do RUMANSIL I estaria localizado na proximidade das vinhas. Ainda hoje, a sul da estação, existem plantações vinícolas. Quando da realização das vindimas, as uvas seriam transportadas em cestos de vime, provavelmente carregados em animais de trela (burro, cavalo). O acidentado destes terrenos eliminaria, desde logo, a possibilidade de utilização de carroças para essa função.

O vinho produzido no Rumansil I, além de satisfazer as necessidades do proprietário e da sua vizinhança, seria certamente comercializado na região. A existência na que é hoje a área urbana de Freixo de Numão, de um grande vicus senão mesmo de uma Civitas (Meidóbriga?) levaria a que as produções agrícolas das diversas villae envolventes fossem facilmente absorvidas e consumidas.

2.2 – OFICINAS

Nesse edifício 2 encontramos um corredor (compartimento I) que dá acesso aos compartimentos J e K. Se o J pode ter sido uma oficina de oleiro o K poderá ter sido reservado ao trabalho artístico de pedra. A exumação, nesse local, de um berrão de granito inacabado e de uma lagareta (provavelmente, também, inacabada) levam-nos a colocar a hipótese de uma oficina de canteiro.

Ao referirmos o compartimento J como oficina de oleiro, baseamo-nos no facto de a sul existirem dois fornos de cerâmica. Aqui se terão produzido dólia, loiças diversas, pesos de tear e, provavelmente, tégula e imbrex. O fabrico destes objectos necessitava de várias estruturas: bacias para preparação da argila, locais para secagem dos vasos bem como para armazenamento das cerâmicas cozidas. Os compartimentos I e J teriam essas funções de armazenamento. Não é de excluir a existência de estruturas em madeira, nas imediações dos fornos. Alguns buracos de poste registados corroboram essa ideia.

⁶ Também se podia utilizar uma corda enrolada em círculo para manter o bagaço, ou mesmo prensado directamente em monte.

⁷ COIXÃO, A. Sá (2002) – “Lagares e lagaretas nas áreas de Freixo de Numão e Murça do Douro – Concelho de Vila Nova de Foz Côa” – Côavisão nº. 4, pag. 61, foto 16.

2.3 – FORNOS DE CERÂMICA⁸

2.3.1 – DESCRIÇÃO DOS FORNOS

Destas duas estruturas de combustão, o forno O é mais pequeno e o menos bem conservado. O forno M de planta circular e essencialmente composto por blocos graníticos, mediria cerca de 4 metros de diâmetro (medidas exteriores) e 3,20 metros de altura. O interior é composto por um pilar central. Dele irradiavam, na posição horizontal, vários esteios de pedra que eram incrustados na parede interior do forno. Depois, com uma massa composta por cal e barro era assente sobre os esteios uma grelha que tinha a função de separar a câmara de combustão da câmara de cozedura.

No forno M são visíveis duas aberturas, viradas a este. Uma na parte inferior correspondente à entrada dos combustíveis para a câmara de combustão, outra, separada da primeira por um enorme bloco granítico (que forma uma espécie de padieira). Apesar de bastante destruído, foi possível ensaiar uma reconstituição que nos permitiu imaginar, ali, uma entrada com cerca de um metro de altura, que se destinava à entrada e saída de peças de cerâmica.

A segunda estrutura de combustão, junto à anterior (referida no desenho da figura 1 com a letra O), encontrava-se mal conservada. É de forma circular, com um diâmetro (exterior) de cerca de 2,20 metros e 1,50 metros de altura. Tal como a estrutura M é constituída por um pilar central em granito, de onde radiavam esteios em granito, dispostos na horizontal, sobre os quais assentava a grelha construída em barro. Tal como no forno anterior, também este apresenta duas aberturas viradas a Este, que correspondem às entradas para a câmara de combustão (inferior) e câmara de cozedura (superior).

Vestígios de argamassa foram observados nas paredes interiores de ambos os fornos. Este revestimento dos blocos de granito tinha por objectivo tornar o espaço perfeitamente hermético.

As cerâmicas depois de moldadas e secas ao sol eram armazenadas e empilhadas nas câmaras de cozedura, na parte superior da grelha. Esta (grelha) era perfurada de molde a permitir a circulação do calor e do fumo. A cobertura desta estrutura seria constituída ou por fragmentos de telhas (imbrex e tégula) e de dólia ou por um tecto feito em argila, destruído após cada fornada.

Neste tipo de forno, a olaria estava directamente em contacto com as chamas. Aquando da cozedura, a atmosfera tende a ser redutora devido à combustão e à libertação de matéria carbónica, mas logo que arrefece, o oxigénio existente no ambiente re-oxida as cerâmicas. O resultado corresponde à obtenção de cerâmicas de cor vermelho claro ou bege. Pelo contrário, se se procede a uma defumagem no fim da cozedura, carregando a câmara antes de tapar todas as aberturas, arrefecendo as cerâmicas numa atmosfera redutora, obtém-se vasos cinzentos e pretos. Segundo os materiais recolhidos, produzidos no local, concluímos que foram ali utilizados os dois tipos, porém com uma clara dominância da cozedura oxidante.

Ainda em relação à tipologia dos fornos do RUMANSIL I (com pilar central e esteios radiantes) diremos que são de um tipo muito pouco documentado no mundo romano. Existem alguns poucos exemplos, relativamente parecidos, descobertos na província Báltica, na baía de Cadiz e de Gália, em Lyon⁹ utilizados para a cozedura de ânforas. No entanto, todas elas diferem um pouco do modelo descoberto no RUMANSIL I.

Sobre o tipo de combustível utilizado nos fornos, um estudo antracológico realizado por Isabel Figueiral do Centro de Bio-Archéologie et d'Écologie de Montpellier, no ano de 2005, sobre 52 restos oriundos de uma zona de despejos de restos dos citados fornos, identificou freixo, azinheira/sobreiro e medronheiro. Nestes restos estavam associadas quatro grainhas de uva carbonizadas. Seria o bagaço das uvas (após a feitura do vinho) utilizado para combustível dos fornos? Uma hipótese.

⁸ O estudo destes fornos foi já objecto de uma publicação, no ano de 2003, na revista CÔAVISÃO nº. 5, pag. 85 – 97 (COIXÃO A. Sá, MAZA G.; Silvino Tony) – “Os fornos de cerâmica do Rumansil I – Murça do Douro (Vila Nova de Foz Côa) – estudo preliminar”.

⁹ CISNEROS, M. J. J. (1971), “História de Cadiz en la Antigüedad”, Instituto de Estudios gaditanos, Cadiz; WUILLEMIER, P. (1950), Informations archéologiques, Gallia, 8, p. 150.

2.3.2 – PRODUÇÃO DE CERÂMICA

Estes fornos são indubitavelmente estruturas de combustão para a cozedura de cerâmicas. Que tipo de vasos ou de objectos eram ali cozidos? Existem distintos elementos significativos para o reconhecimento de uma produção: depósitos, defeitos de cozedura, vasos ainda in situ nos fornos, ... Estes elementos revelaram-se no sítio do Rumansil I. De facto, numerosos fragmentos de dólia foram descobertos no forno M, enquanto que pesos de tear não cozidos encontravam-se ainda nos entulhos do forno O. Por outro lado, revelou-se um importante depósito perto do muro exterior localizado a Este do sítio¹⁰. Uma quantidade e diversidade importante de cerâmicas foi ali encontrada: fragmentos de dólia, cerâmicas finas, cerâmicas comuns e pesos de tear. Se a presença de vasos de armazenagem, tais como os dólia, ou os pesos de tear estão directamente ligados às instalações artesanais do Rumansil I, as cerâmicas finas e comuns parecem estranhas num estabelecimento agrícola, em que o habitat está completamente ausente. Por sua vez, o atento exame da loiça permite obter formas recorrentes à oficina que a produziu. Para concluir, detectaram-se numerosos defeitos de cozedura.

A escavação do Rumansil I permitiu o levantamento de importantes quantidades de cerâmica, mas decidimos concentrar-nos no depósito descoberto na campanha de 2004 que revelou perto de 8511 fragmentos. Por outro lado, o material proveniente do entulho dos fornos também foi contabilizado.

Categoria de cerâmica	Tipo de cerâmica	Total fragmentos	Total vasos
Cerâmica fina	Fina alaranjada	1459	321
	Fina cinzenta	2099	326
	Engobada	10	8
	Sigillata	13	4
Cerâmica comum	Comum alaranjada	2232	560
	Comum negra	22	8
Ânfora	Produção local (?)	3	3
Cerâmica diversa	Dolium	2666	39
	Pesos de tear	7	7
Total		8511	1276

Cerâmica – Camada 2, Q. 22-31-39-40-41-47-48-49-50

2.3.3 – CERÂMICAS FINAS

As cerâmicas finas contabilizam 3581 fragmentos (42% do total) para 659 vasos. Os vasos engobados e as sigillatas são marginais. Tratam-se certamente de importações.

No entanto, as restantes cerâmicas finas são largamente maioritárias. Estas subdividem-se em duas categorias: cerâmicas finas alaranjadas e cerâmicas finas acinzentadas. Em termos de vaso, os dois tipos de produção possuem a mesma quantidade. Em relação à primeira, a pasta é do tipo calcária e revestida por um verniz alaranjado. O tipo de cozedura é oxidante. As cerâmicas finas cinzentas possuem também uma pasta calcária porém não são revestidas por nenhum verniz. O seu modo de cozedura é do tipo redutor. As formas inventariadas são produzidas nos dois tipos de cerâmicas finas: prato com bordo direito (fig. 6, nº1), tampas (fig. 6, nº5 e 6), jarros (fig. 6, nº2, 3, e 4), tigelas e potes.

2.3.4 - CERÂMICAS COMUNS

Contabilizaram-se 2254 fragmentos de cerâmica comum para 568 vasos. Trata-se principalmente de cerâmicas comuns alaranjadas. Os vasos de pasta preta são residuais. As cerâmicas comuns alaranjadas

¹⁰ Segundo as moedas e os materiais cerâmicos, a datação deste depósito dataria da segunda metade do século III.

possuem pastas sigilosas de cor vermelho-alaranjado. O seu modo de cozedura é do tipo oxidante. Estes vasos destinam-se à cozedura de alimentos. Várias formas foram registadas: panelas (fig. 7, nº 4), pratos com bordo direito (fig. 7, nº 5 e 6), tampas e sobretudo potes (fig. 7, nº 1, 2 e 3). Estes últimos possuem uma taxa de frequência importante com mais de 51 vasos inventariados.

2.3.5 - ÂNFORAS

Esta categoria de produção subsiste ainda muito minoritária. É pouco plausível que os vasos encontrados tenham sido produzidos no Rumansil I. Provavelmente, estas ânforas tinham uma função de armazenagem.

2.3.6 - CERÂMICAS DIVERSAS

2.3.6.1 - Dólia

Na ausência de formas completas, o estudo concentrou-se principalmente numa amostra representativa dos elementos de bordos e fundos, cujos elementos tipológicos mais característicos tiveram o privilégio de serem conservados pelos investigadores. O material em questão, presente em abundância em todo o sítio, provém em grande parte dos enchimentos dos fornos e dos depósitos, mas também da zona de armazenagem (compartimentos R e S do edifício 2).

Os dólia são modelados segundo a técnica de montagem do colombino, apresentando um aspecto pesado e maciço, com paredes espessas apesar das dimensões modestas. Se a principal característica dos dólia é a sua grande dimensão, esta particularidade não se confirma neste sítio. No Rumansil I, os exemplares têm uma altura total de cerca de 80 a 90 cm e uma largura quase semelhante, com capacidade inferior a 100 litros¹¹. Os mais importantes exemplares de armazenamento estão em falta. Os raros exemplares completos possuem lados arredondados, desenhando uma forma pançada. Não existe uma transição marcada entre pança e colo, constituindo este um prolongamento do esfalfamento do lado largamente inclinado para o interior, desprendendo uma abertura estreita. Os bordos apresentam diversidades tipológicas importantes, não somente pela forma como pela dimensão. O fundo é sempre plano, com um ressalto ligeiramente marcado no contorno. Os cordões, presentes geralmente no esteio e na base dos vasos, estão aqui totalmente ausentes.

As pastas são grosseiras, usuais neste género de produção e das cerâmicas modeladas, com um desgordurante adequado à variedade das dimensões. As pastas são de cores diversas, variando do bege ao vermelho tijolo, segundo a intensidade da cozedura. Apesar das características tipológicas próximas nas suas grandes linhas, os dólia produzidos nos fornos da villa não parecem ter sofrido uma preocupação de standarização com os detalhes das formas. O estudo tipológico preliminar permitiu pôr em evidência quatro grandes tipos de bordos. A sua feitura caracteriza-se pela simplicidade, obtida por engrossamento do bordo ou por rebaixamento deste.

Tipo 1 (fig. 8, nº2): O bordo é rectilíneo, obtido por um simples engrossamento dos lados, sem transição com a pança. O bordo é quase paralelo ao plano de postura. A uma dezena de centímetros da abertura, um ligeiro ressalto assinala a separação do bordo. O diâmetro é relativamente constante entre os 32 e 34 cm.

Tipo 2 (fig. 8, nº3): O bordo é bastante inclinado para o interior do vaso, terminado por um bordinho arredondado bem marcado. O bordo é quase paralelo ao plano de postura. Os diâmetros de abertura são menores que os tipos anteriores, com cerca de 25 cm.

¹¹ Os exemplares encontrados na Gália ou na Itália tinham uma capacidade entre os 500 e 1500 litros.

Tipo 3 (fig. 8, nº 4): Este tipo possui um bordo mais levantado, marcado a poucos centímetros da abertura por um ressalto bem visível. Os diâmetros dos bordos são bem mais consequentes, com cerca de 36 cm. Esta variante é a única a apresentar uma decoração realizada antes da cozedura. Esta é relativamente simples, com utilização de ondulações ou linhas onduladas, realizadas com um pente, localizadas no terço superior da pança, debaixo do colo.

Tipo 4 (fig. 8, nº5): O bordo é perfeitamente liso sem nenhum bordinho. O colo interno é visível no interior da pança.

No total, foram exumados no Rumansil I 184 bordos. Os tipos 1 e 2 são maioritários. O tipo 3 é secundário, enquanto que o tipo 4 é claramente minoritário.

Tipo 1	57
Tipo 2	68
Tipo 3	42
Tipo 4	17
Total	
184	

Dólia (Bordos)

Nenhuma marca foi encontrada nos fragmentos de dólia, sendo apenas visíveis alguns grafitos após cozedura.

O importante tamanho destes vasos de armazenagem, indica indubitavelmente uma cozedura em fornos grandes. De facto, inúmeros fragmentos foram encontrados nos entulhos destas estruturas de combustão. Para cada fornalha, o número de dólia estimado seria de aproximadamente 16 peças, ou seja, duas filas sobrepostas de 8 vasos.

Por outro lado, algumas formas inventariadas aproximam-se dos vasos de armazenagem. Trata-se de recipientes de dimensão importante, algumas com decoração de pente (fig. 7, nº 7 e 8).

2.3.6.2 - Pesos de Tear

Além das loiças, também eram produzidos no Rumansil I pesos de tear. Vários pesos com defeitos de cozedura foram encontrados na lixeira. Há que realçar o facto de alguns exemplares ainda não cozidos terem sido descobertos nos entulhos do forno O.

2.3.6.3 - Telhas

É plausível que o sítio produziu elementos de construção, tais como tegulae ou imbrices, uma vez que uma importante quantidade de telhas foi ali encontrada, fenómeno mais improvável nas outras villae da região¹². Outro indício é a presença de uma tégula com marca: *PEC () LAS [...] OFICINA*. Este selo demonstra bem a origem da produção, sendo no entanto difícil a sua atribuição ao sítio do Rumansil I.

2.3.7 – DIFUSÃO DAS CERÂMICAS

A oficina do Rumansil I produziu vários tipos de cerâmica. Evidentemente, uma parte era de imediato utilizada no sítio, tais como os dólia, mas uma importante fracção destinava-se a alimentar diferentes

¹² As villae do Prazo e do Zimbro II registaram uma quantidade inferior de telhas, em relação ao Rumansil I.

mercados locais, ou mesmo regionais. No que respeita à loiça, distintas formas foram já atestadas nos sítios circunvizinhos. Como já referimos, a região de Freixo de Numão apresenta um número importante de villae rústicas ou quintas, com uma provável capital de civitae¹³. O sítio do Prazo, situado a cerca de 3 quilómetros do Rumansil I, revelou importantes quantidades de material e alguns vasos ali produzidos, presentes nos conjuntos do século III. Algumas formas observadas no Rumansil I são igualmente presentes no Sul de Portugal. A investigação da villa romana de São Cucufate (Beja) pôs a descoberto uma quantidade importante de cerâmicas. A análise das cerâmicas comuns realizadas por I. Vaz Pinto¹⁴ demonstra que algumas formas produzidas no Rumansil I existem também neste sítio: pratos com bordo direito, tigelas com bordo direito, panelas com duas asas, jarros com bordo oblíquo, tampas, ..., mas, claro, também eles frutos de produções locais ou regionais.

Este sucinto estudo das cerâmicas confeccionadas no sítio do Rumansil I permite, num primeiro tempo, explorar o conjunto do material exumado e separar as cerâmicas importadas, das produzidas localmente. Também foi realizado um primeiro inventário das cerâmicas produzidas no sítio, distinguindo-se os diferentes tipos de produção e formas associadas.

Um segundo trabalho previsto consistirá, num exame mais atento das loiças para análise das pastas e a verificação da homogeneidade das argilas utilizadas. Estas não provinham das redondezas, sendo que o afloramento granítico é omnipresente na zona periférica. A matéria-prima era importada e armazenada, muito provavelmente numa das divisões do edifício Este. Será imprescindível a ocorrência de uma investigação para determinar as zonas de extracção das argilas na região de Freixo de Numão, se bem que na freguesia de Touca existam bastantes barreiros e, até há poucas décadas, ali se tenha fabricado telha.

Para concluir, a estrutura N ligada ao grande forno destinava-se talvez para a armazenagem de combustível necessário para a cozedura.

2.3.8 - Muros de vedação

Resta descrever os últimos vestígios, os muros de vedação P. Trata-se de muros localizados a Este do sítio, na extremidade da plataforma. A Este destes muros subsistem actualmente terraços com vestígios de antigas culturas. Podemos imaginar que estes terrenos recebiam durante a Antiguidade as vinhas que forneciam as uvas necessárias a produção do vinho do Rumansil I. Estes dois muros são aparelhados de forma diferente. O primeiro situado a norte, foi erguido à semelhança dos muros dos distintos edifícios do sítio, o segundo estabelecido à Sul, é constituído por pedras de diversos tamanhos. Esta dissemelhança aponta para que estas duas construções fossem certamente construídas em duas épocas diferentes. Poder-se-á pensar que o muro Sul foi erigido numa fase posterior. Uma abertura é visível a Sul do muro Norte.

Conclusão

Este estudo pormenorizado do Rumansil I permite reconhecer o carácter excepcional deste sítio que concentra um número importante de actividades artesanais: metalurgia, produção vitícola e oficina de olaria (e provavelmente oficina de canteiro).

Assim, neste sítio procedia-se à passagem do mineral em lingote. O ferro e o chumbo eram utilizados para a confecção de diversos objectos em que somente um pequeno número foi revelado no sítio. Imaginam-se numerosos utensílios que seriam fundamentais para os distintos trabalhos agrícolas e artesanais.

Por outro lado, esta instalação vitícola é única na região, pois as estruturas encontradas e os elementos destinados a produção de vinho reduzem-se a tanques talhados na rocha (lagares) ou lagares isolados

¹³ ALARCÃO, J. de, *ibid.*

¹⁴ PINTO, I. Vaz (2003), *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Lisboa.

(lagaretas)¹⁵. Estes vestígios rupestres, típicos no Norte e Centro do país, são interpretados como testemunhos de uma produção vitícola na época romana. Contudo, grande parte destes vestígios são isolados e não possuem estruturas anexas associadas, não possibilitando a obtenção de uma datação precisa.

Por outro lado, se estes vestígios eram destinados à produção de vinho, as quantidades produzidas eram muito limitadas. No sítio do Rumansil I existem alguns tanques escavados no granito inseridos numa adaptação organizada, para o fabrico do vinho em quantidade superior. Esta instalação enquadra-se em numerosas estruturas, testemunhas de uma organização artesanal importante. Existem poucos sítios paralelos na região. Podemos referir que na zona de Peso da Régua, a villa de Fonte do Milho, apresenta uma cella vinaria e um lagar de azeite datável do século III¹⁶. Outros sítios são conhecidos no centro e, sobretudo, no Sul do país (Alentejo), onde existem grandes e numerosas instalações vitícolas e oleícolas pertencentes as grandes villae¹⁷.

Outro ponto relevante é o fabrico no Rumansil I de vasos, indispensáveis para a fermentação do vinho: os *dólia*. Esta oficina produziu vasos para armazenagem porém também loiças. As oficinas de olaria são raramente mencionadas na região. O conjunto destas produções eram destinadas a satisfazer as necessidades dos proprietários e a alimentar os diferentes mercados da região, em particular a capital da civitas dos Medubrigenses, provavelmente localizada na actual vila de Freixo de Numão¹⁸.

Para concluir este trabalho, era fundamental voltar à definição exacta deste sítio. Num primeiro tempo, o Rumansil I aproxima-se da pars *rústica* de uma villa, ou seja, uma parte agrícola e artesanal de uma propriedade predial. A pars urbana, a habitação do proprietário, seria localizada a 300 metros do Rumansil I. De facto, um sítio romano com potencial foi detectado: muros elevados, fragmentos de cerâmica diversa, tegulae, ... É concebível que este sítio denominado por Rumansil II devido à sua proximidade com o Rumansil I, fosse a habitação do proprietário. No entanto, alguns elementos põem em dúvida esta hipótese. Para começar, o tamanho do Rumansil I e a variedade das produções demonstram que estas instalações pertenceriam a um rico proprietário que possuiria numerosos terrenos agrícolas. É difícil pensar que este indivíduo residiria no Rumansil II. O mais provável seria a escolha de um local menos isolado, mais próximo de um aglomerado urbano. Distintos sítios investigados na zona de Freixo de Numão poderiam corresponder a tal residência. Por exemplo, o sítio do Prazo, localizado a poucos quilómetros do Rumansil. É um sítio residencial com habitações, entrepostos, estruturas anexas e uma zona de armazenagem para os produtos da quinta, a pars *fructuaria*¹⁹. O conjunto de estruturas datados do século III d.C. é contemporâneo ao Rumansil I. Este poderia ter sido um anexo à *villa* do Prazo, e o Rumansil II corresponderia ao alojamento do feitor e dos operários que guardariam as instalações do Rumansil I. A *villa*, ou mais propriamente a propriedade, estendia-se por vários hectares com diferentes instalações anexas. A segunda residência possível corresponderia à provável capital da civitas Meidobrigense, em Freixo de Numão. Em geral, o proprietário vivia nas civitates para poder gerir as várias propriedades ou consagrar-se à vida pública. Na mesma ocasião detinha várias instalações agrícolas, artesanais e prediais na região. Na ausência de dados complementares, estas conjecturas permanecem muito hipotéticas, mas não existe dúvida de que o sítio do Rumansil I é um complexo artesanal (para já único no país) que alimentou os mercados locais, e mesmo regionais, de diversos produtos durante todo o século III d. C.

¹⁵ Numerosos vestígios deste tipo foram encontrados no distrito de Vila Nova de Foz Côa e nomeadamente na área de Freixo de Numão (COIXÃO, A. Sá (2002), Lagares e lagaretas nas áreas de Freixo de Numão e Murça do Douro (Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Côavisão, n.º. 4, p. 57-71). Por outro lado, um estudo recente faz o ponto da situação sobre as estruturas no Vale do Douro (ALMEIDA, C. B. de; ANTUNES, J. V.; FARIA, P. B. de (1999), Lagares cavados na rocha : uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro, Revista portuguesa de Arqueologia, vol. 2, p. 97-198).

¹⁶ PONTE, M. S. Da; GUIMARES, M.; PESSOA, M.; MARQUES, A. P. (1993), la production de l'huile et du vin au Portugal durant l'Antiquité Moyen-Age, BCH, Suppl. XXVI, p. 413-421.

¹⁷ BRUN, J.-P. (1997), Production de l'huile et du vin en Lusitanie romaine, Conimbriga, 36, p. 45-72.

¹⁸ ALARCÃO, J. De, ibid.

¹⁹ COIXÃO, A. Sá, ibid. p. 312-333.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1999), *Os arredores das cidades romanas de Portugal*, *Arquivo Español de Arqueologia*, 72, p. 31-37.
- ALMEIDA, C., ANTUNES J., FARIA P. (1999), *Lagares cavados na rocha : uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, p. 97-198.
- BRUN, J-P. (1997), *Production de l'huile et du vin en Lusitanie romaine*, *Conimbriga*, 36, p. 45-72.
- BRUN, J-P. (2003), *Le vin et l'huile dans la Méditerranée antique - Viticulture, oléiculture et procédés de fabrication*, Paris.
- J- BRUN, J-P. (2004), Vendanges et vinification, in *Le vin, nectar des Dieux, Génie des Hommes*, Catalogue d'exposition, Gollion.
- PONTE, M.S. Da, GUIMARÃES, M., PESSOA, M., MARQUES, A. P. (1993), *La production de l'huile et du vin au Portugal durant l'Antiquité et le Moyen-Age*, *BCH*, Suppl. XXVI, 1993, p. 413-421.
- COIXÃO, A. (2000) *Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa*, 2.a ed., Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, A. (2002) *Lagares e lagaretas nas áreas de Freixo de Numão e Murça do Douro* (concelho de Vila Nova de Foz Côa), *Côavisão*, 4, p. 57-71
- COIXÃO, A., MOREIRA, M. E. (2000), *Fornos de Fundição e Forjas de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) no período de Ocupação Romana*, *Côavisão*, 2, 2000, p. 47-51.
- COIXÃO, A., MAZA, G., SILVINO, T. (2003), *Os fornos de cerâmica do Rumansil I (Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Estudo preliminar*, *Côavisão*, 5, p. 85-97.
- PINTA, I. (2003), *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Lisboa.

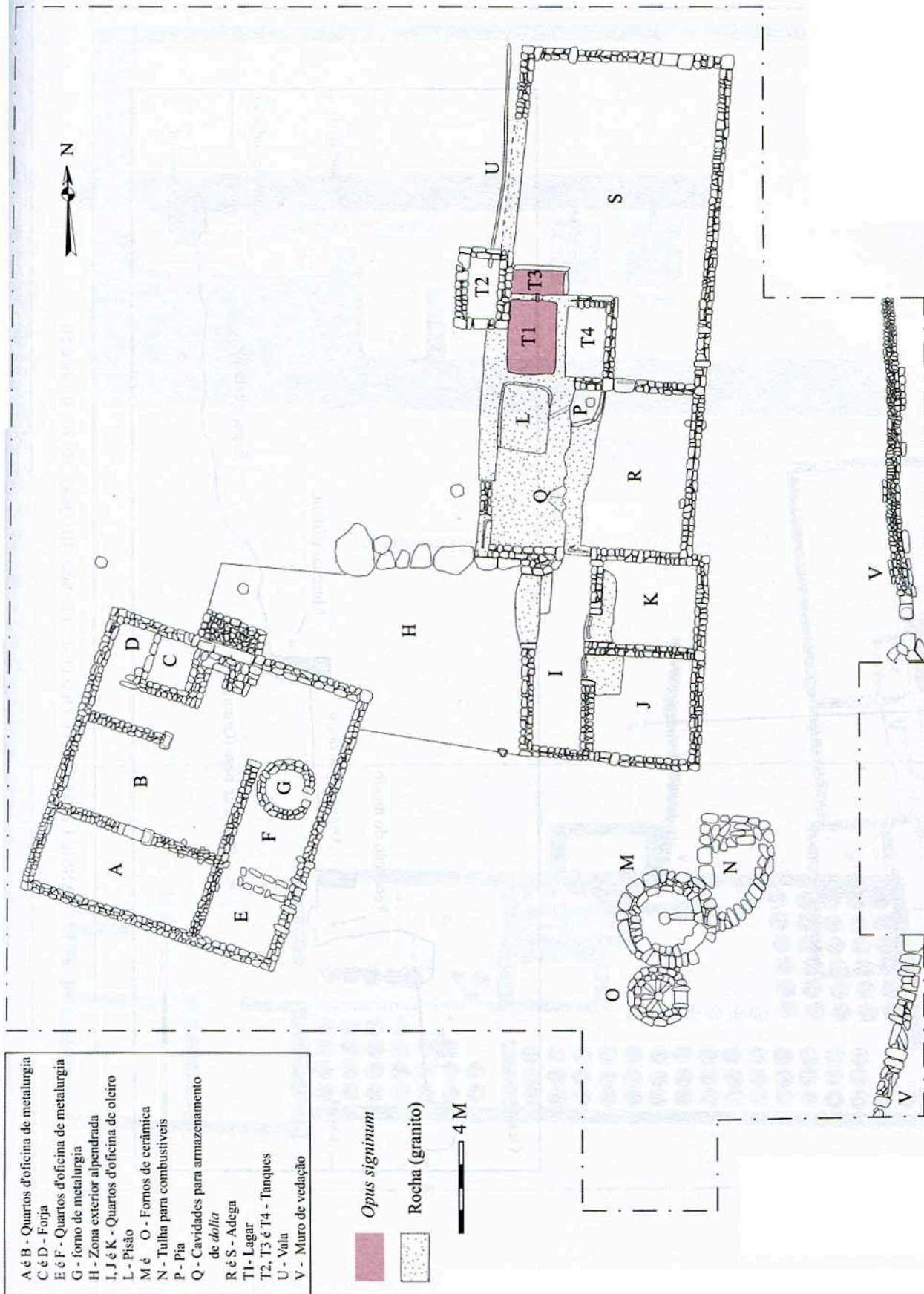


Fig. 1 - RUMANSIL I : PLANTA GERAL DOS VESTÍGIOS

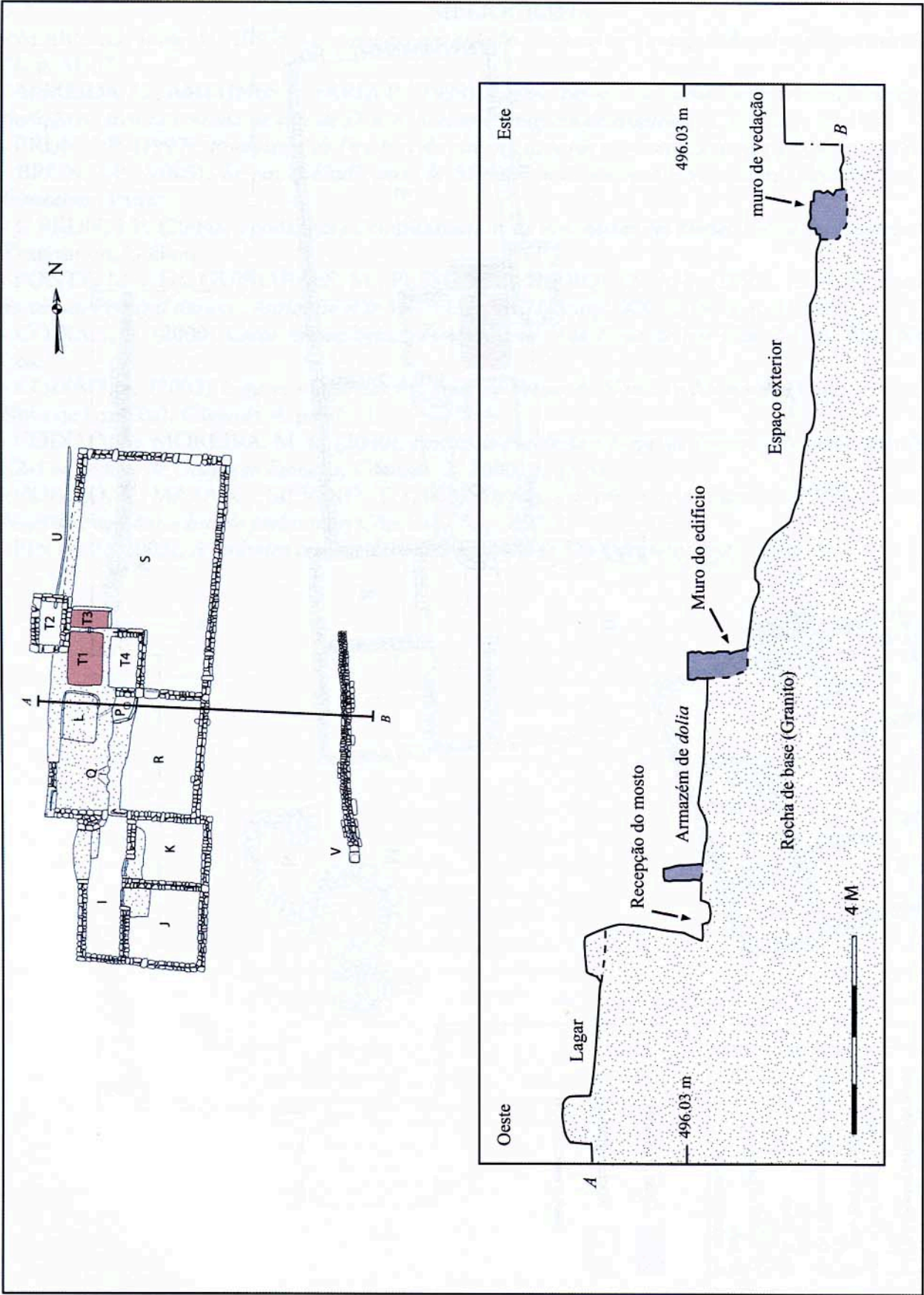


Fig. 2 - RUMANSIL I 2004 CORTE OESTE-ESTE Sect. III, Quad. 10, 20, 30, 40 é 50

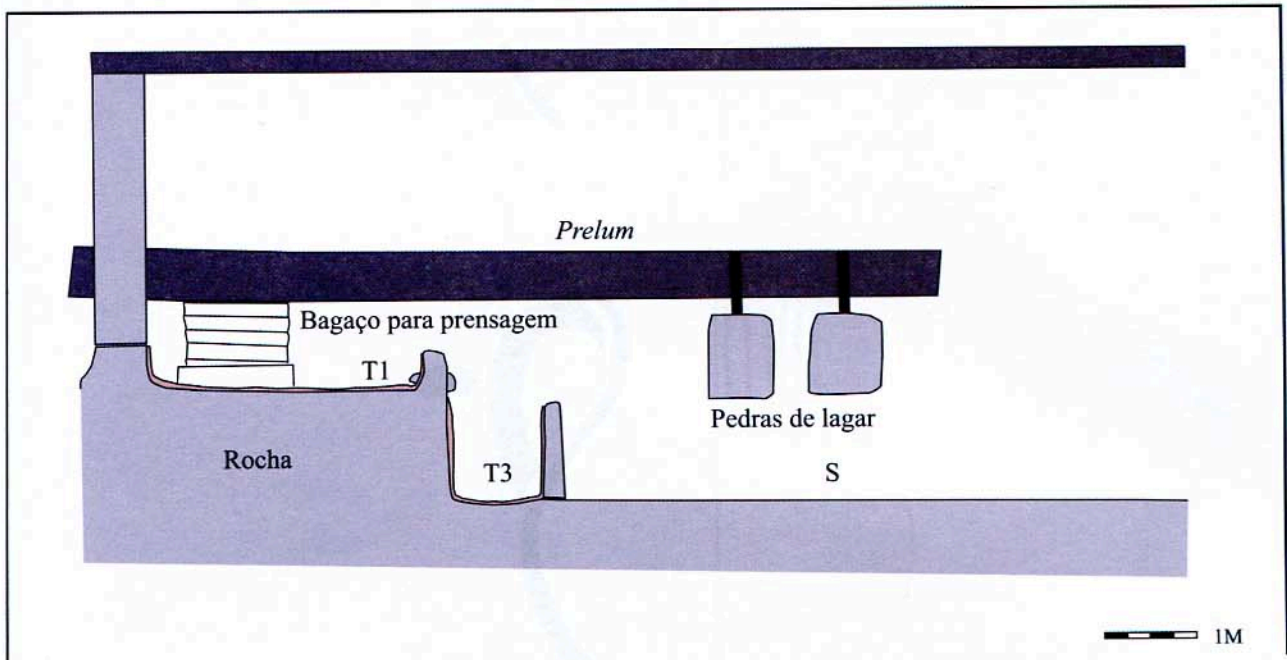


Fig. 3 – Ensaio de reconstituição do lugar do Rumansil

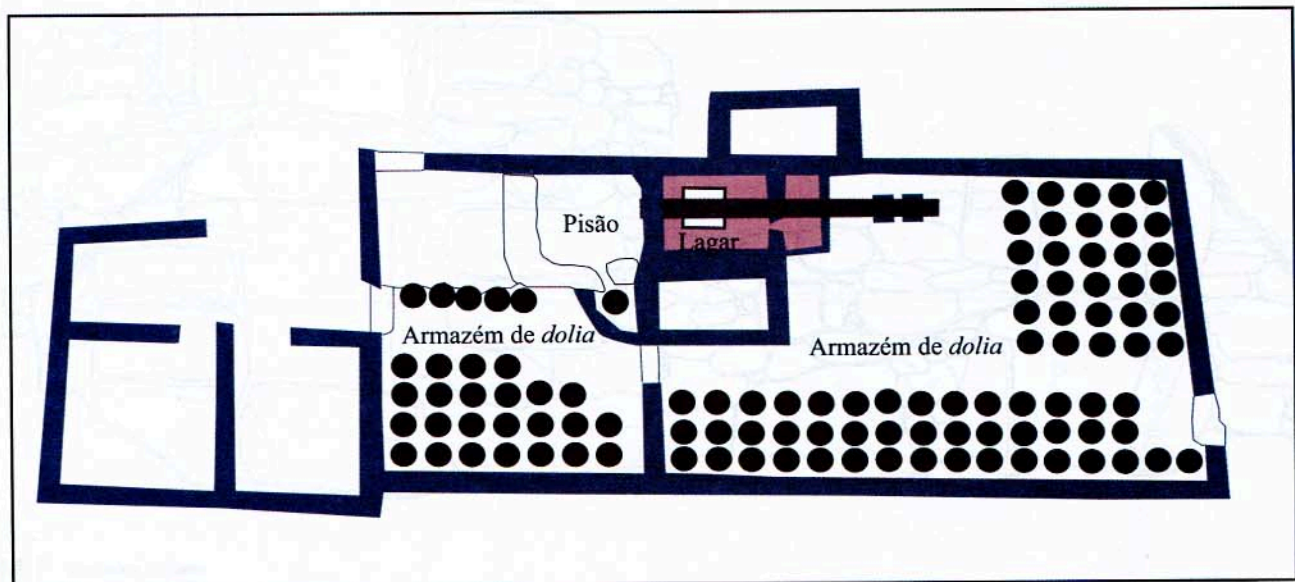


Fig. 4 – Ensaio de reconstituição da instalação vitícola

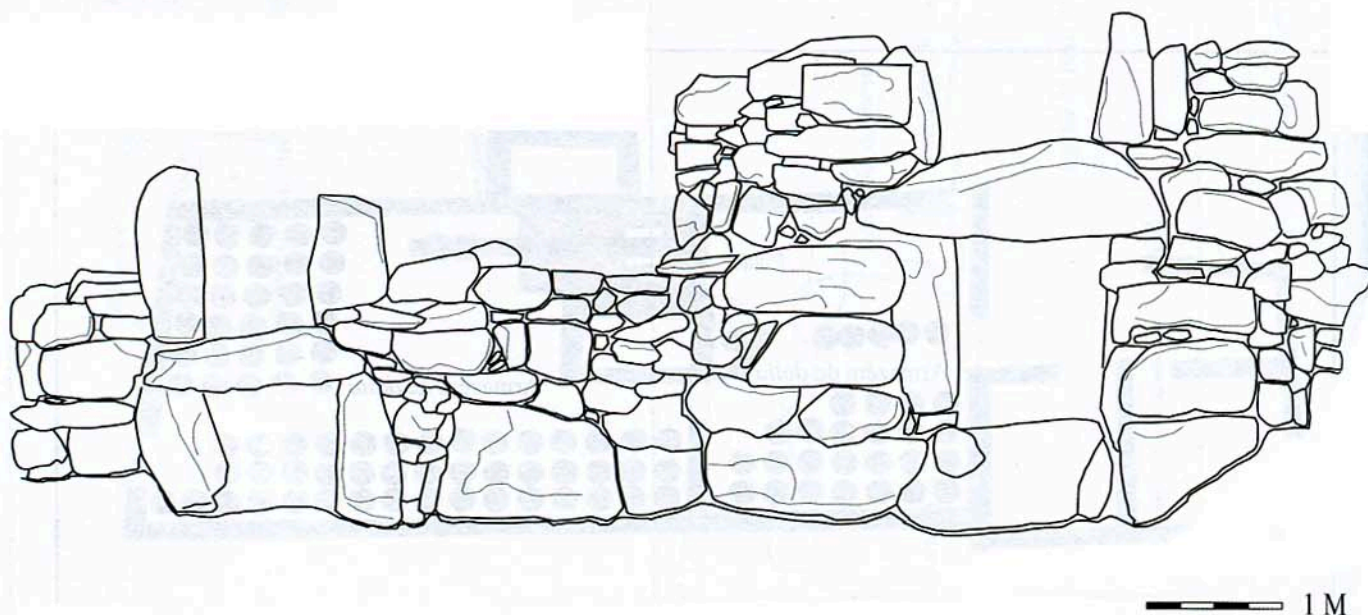


Fig. 5 – Fornos de cerâmica (vista de Este)

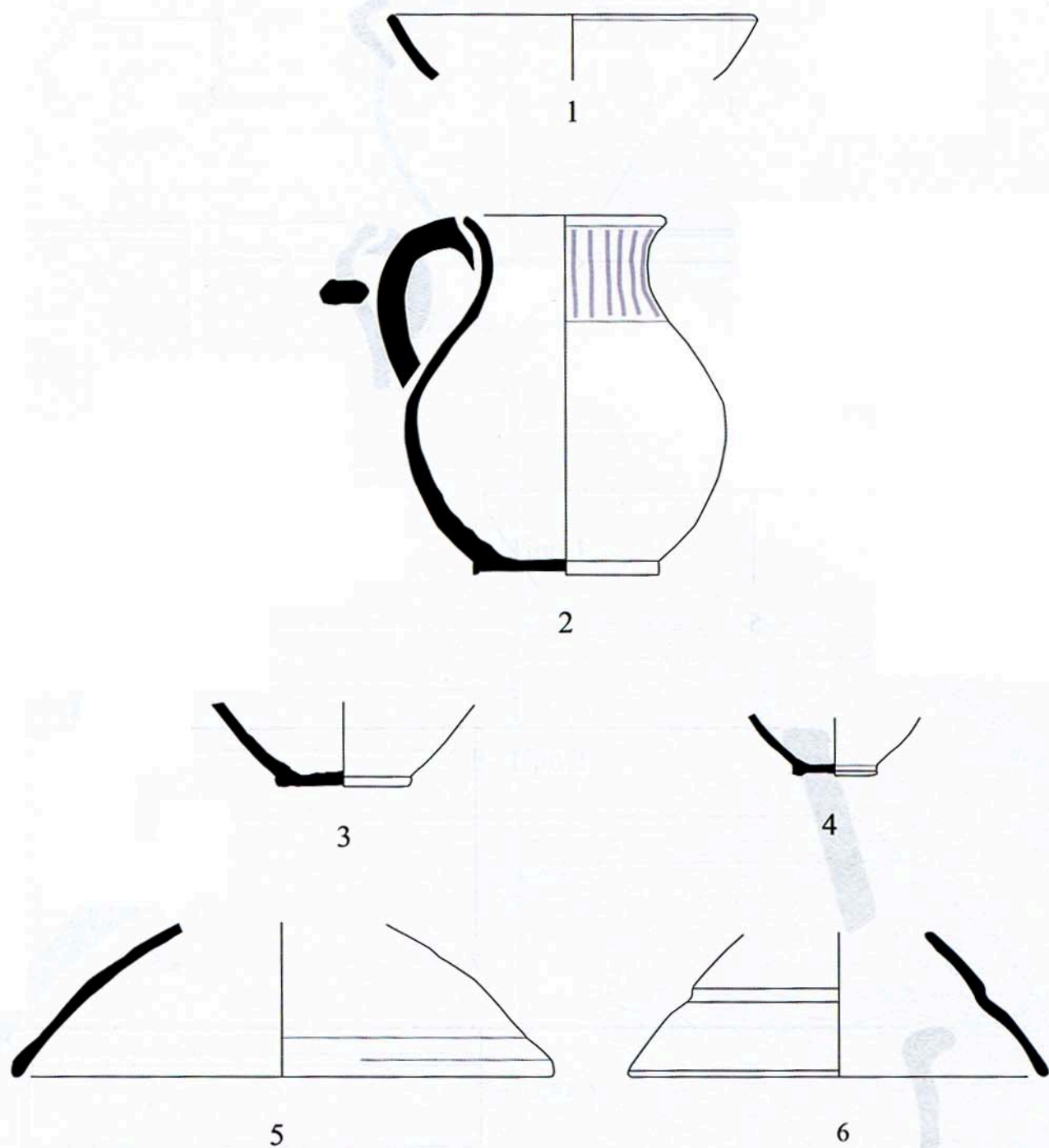


Fig. 6 - Cerâmica fina do Rumansil I (esc. 1/3)

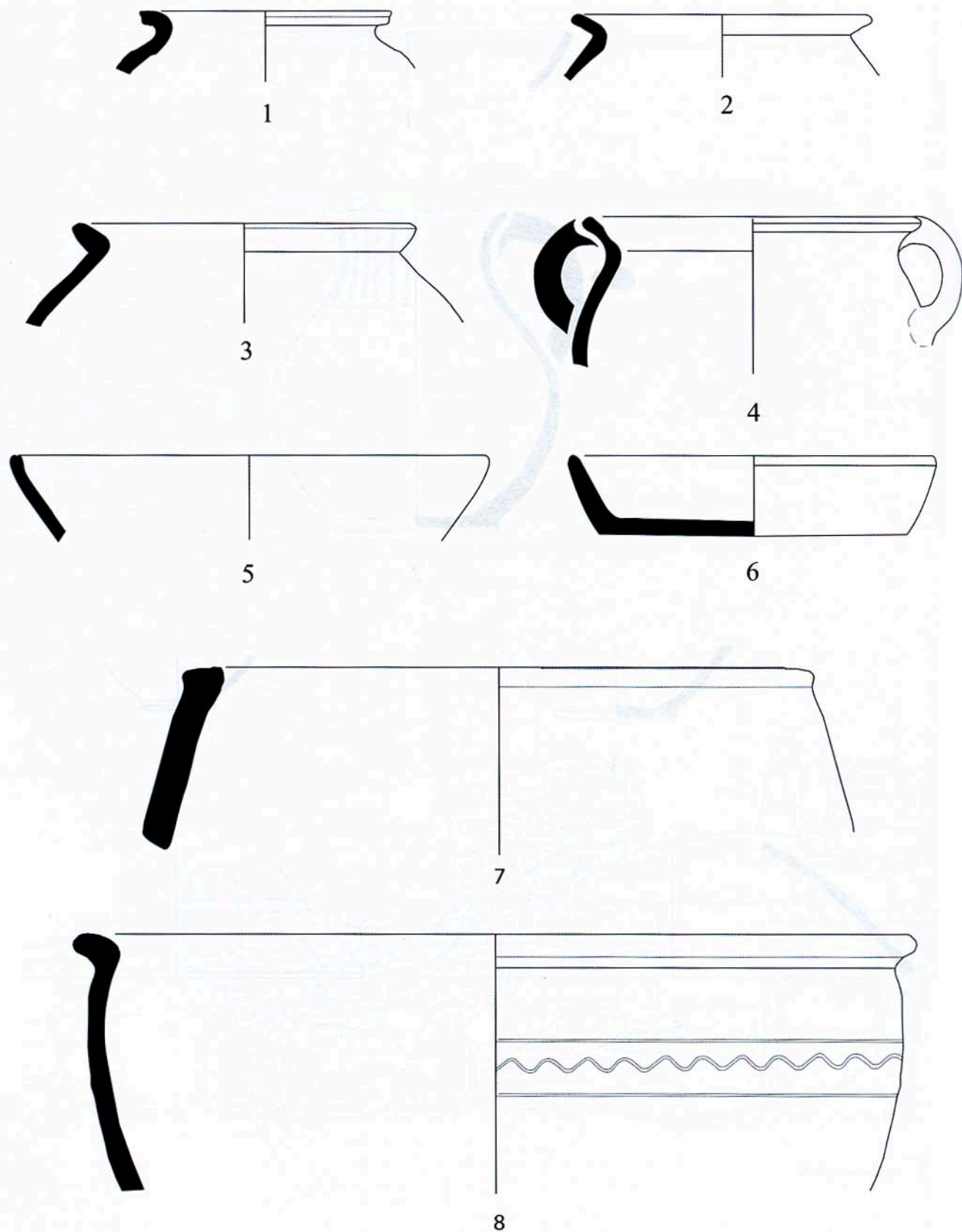
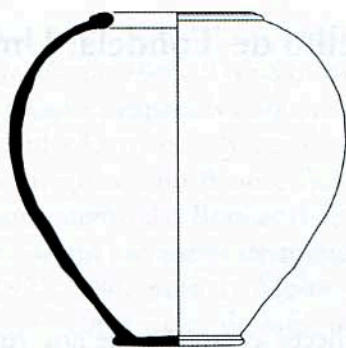
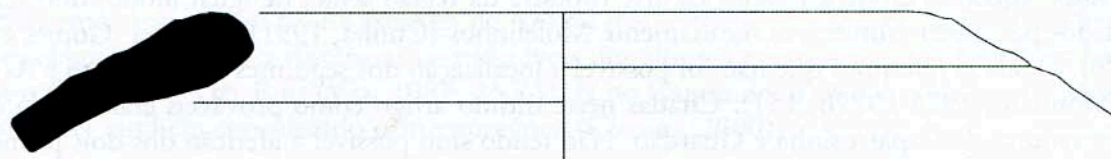
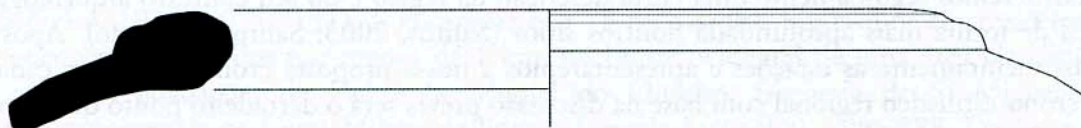


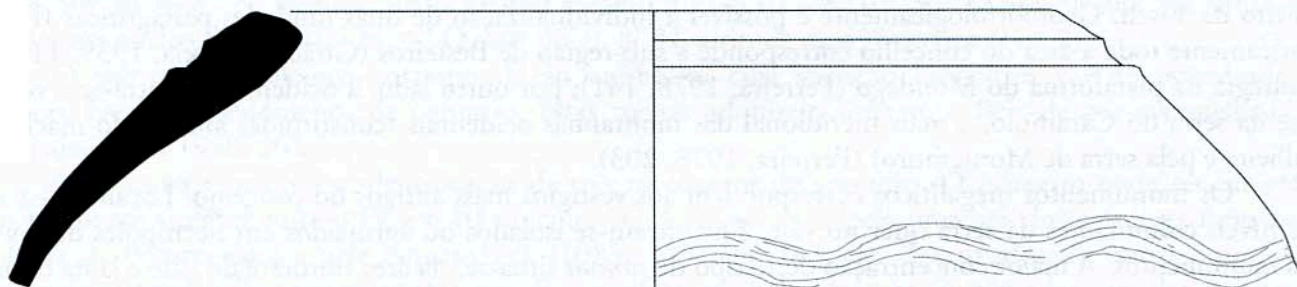
Fig. 7 - Cerâmica comum do Rumansil I (esc. 1/3)

1 - *Dolium* completo

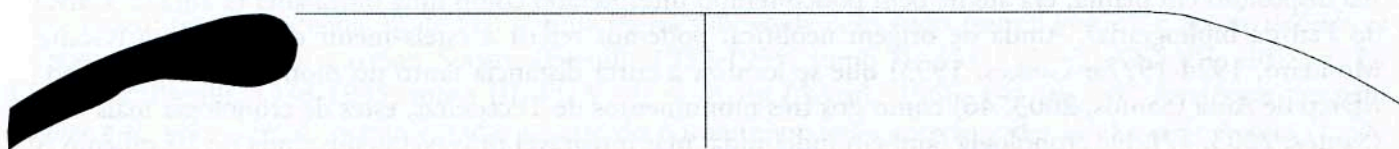
2- Tipo 1



3- Tipo 2



4- Tipo 3



5- Tipo 4

Fig. 8 - *Dolia* do Rumansil I (1, esc. 1/20 ; 2-5 esc. 1/4)